

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SETOR LITORAL

LUCILENE FOGASSO

EXPERIMENTAÇÕES EM ACESSÓRIOS: IDENTIDADE LOCAL E
CRIATIVIDADE

MATINHOS

2013

LUCILENE FOGASSO

EXPERIMENTAÇÕES EM ACESSÓRIOS: IDENTIDADE LOCAL E
CRIATIVIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do diploma de Licenciada em Artes, Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lenir Maristela Silva

MATINHOS

2013

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Lenir Maristela Silva

Orientadora

Prof.^a Dr.^a. Lúcia Maria Gonçalves de Resende

Membro da banca

Prof.^a Dr.^a Jussara Rezende Araújo.
Membro da banca

Matinhos, 2013.

[...] a estética do cotidiano subentende, além dos objetos ou atividades presentes na vida comum, considerados como possuindo valor estético por aquela cultura, também e principalmente a subjetividade dos sujeitos que a compõe e cuja estética se organiza a partir de múltiplas facetas do seu processo de vida e de transformação. (Richter)

Dedicatória

*Sem Deus não existe nada, e ele esteve em todos os momentos da minha caminhada, por isso agradeço a Ele por tudo.
A minha mãe Ana Rosa, que me apoiou nas horas mais difíceis, a meu marido Marco André e aos meus filhos Augusto e Anne pela minha ausência.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente a minha orientadora Lenir Maristela Silva, a professora Ângela Katuta Massumi por fazer parte da minha caminhada, aos meus colegas e amigos da turma 2009 que apoiaram e deram forças para vencer mais esta etapa de minha vida, a Cris, Lidi, Marli, Angela, Mery, Dani, Gleisse, Jeff, Aninha, Marcelo, Gisele Alves, Gisele Alvelino e Juci.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01	10
Figura 02.....	11
Figura 03.....	12
Figura 04.....	15
Figura 05.....	23

SUMÁRIO

1-.Apresentação.....	08
2 - A origem do projeto.....	09
3 - A contribuição das Interações Culturais e Humanísticas (ICH).....	11
4 - Participações em projetos: PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação em Docência).....	13
5 - A contribuição dos FTP (Fundamentos Teóricos Práticos) do Curso de Lic. em Artes.....	16
6 - Design, Arte e Artesanato.....	21
7 - Considerações Finais.....	24
REFERÊNCIAS.....	26
ANEXO I – Projeto Oficina de Artesanato.....	28

1 - Apresentação

Esse Memorial refere-se ao trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em Artes, da Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral. Eu Lucilene Fogasso nasci no dia 22 de dezembro de 1977 na cidade de Medianeira-PR, filha de Irineu Fogasso e Ana Rosa Fogasso, tenho seis irmãos, e desde muito nova o interesse por criar algo era muito notório, inventava roupas para minhas bonecas e consertava as minhas roupas.

Por não conseguir comprar o que eu queria, tive a ideia de fazer objetos que achava interessante, assim consegui aprimorar muito as técnicas de fazer, tenho preferência em fazer artesanatos com mínimos detalhes. Aos 18 anos ao trabalhar em uma pequena fábrica de jóias na qual a maior parte do trabalho era artesanal, apenas a parte da fundição era por processo industrial, depois de dois anos recebi o certificado de joalheira, tendo que fazer um curso de duas semanas. Os trabalhos eram por processos desde a criação e cópias e acabamento das peças ,a criação era o pensar e fazer a peça, a cópia era fazer o molde da peça e os acabamentos seria a peça já pronta para começar o processo de limpeza e polimento . Conseguia fazer peças com rapidez e um acabamento satisfatório, nas horas vagas (inovava) peças que estavam prontas, e algumas eram feitas desde a criação, o derreter o ouro, laminar fazer peças achatadas e para peças em forma de fios passarem o ouro na fieira.

Mas por fim, a firma faliu e logo casei e a minha vida se voltou aos afazeres da casa e atenção para a família e a partir daí senti o interesse em fazer crochê, e assim conheci uma vizinha que fazia muito bem crochê e pedi que me ensinasse, ela me ensinou a correntinha e o ponto alto e comecei a fazer. Consegui fazer um tapete que ficou mal feito, mas era o meu orgulho por ter conseguido e fui fazendo vários, mas ela não podia me ensinar mais, pois trabalhava fora, ai comprei uma revista e comecei a estudar os pontos e descobri vários e no qual me baseava no conhecimento anterior e tentava decifrar os outros. A partir disso consegui fazer vários pontos de crochê, pude fazer vários tapetes, trilhos de mesa e outros.

Com todas essas criações meu marido Marco André professor pediu que eu fizesse o vestibular para professora de Artes, eu disse a ele que não queria

fazer, pois fazia muito tempo que não estudava, e não me sentia capaz de ser professora, mas mesmo assim ele me convenceu e entrei para o Curso da UFPR Litoral em 2009.

Em 2009 na faculdade aos poucos, meu interesse por estudar cada dia aumentava, a necessidade de saber e de fazer parte de um grupo de estudos me fez acreditar que ia realizar o sonho de cada um dos meus familiares. Os professores apresentaram o FTP (Fundamentação Teórica Prática), ICH (Interação Cultural humanística) e P.A (Projeto de Aprendizagem). No projeto de aprendizagem, nós tínhamos de estudar sobre algo que amamos e que nos realizasse, pensei em artesanato, mas não sabia como começar.

Apreendi, logo depois, que os primeiros artesãos surgiram no período neolítico (6.000 a.C), quando o homem aprendeu a polir a pedra, a fabricar cerâmica como utensílio para armazenar e cozinhar alimentos e descobriu a técnica da tecelagem das fibras animais e vegetais. No Brasil o surgimento do artesanato ocorreu também nesse período SIQUEIRA (2004, p. 44). Quando os portugueses chegaram ao Brasil, encontraram uma civilização que dominava a arte da pintura, utilizando os pigmentos naturais a cestaria e a cerâmica.

2 - A origem do projeto

A origem da idéia do nosso Projeto de Aprendizagem foi pensar e estudar o artesanato como uma linguagem artística e procurar entender a desvalorização desta forma de linguagem enquanto arte. Durante nosso curso o PA se desenvolveu e conforme as normas do curso e encerrou-se no primeiro semestre de 2012 quando então fomos levados a propor um Trabalho de Conclusão de Curso. Este podendo ser um prolongamento do PA, ou outra temática. Nossa opção foi a de escrever um memorial que pudesse dar conta do processo que percorremos em função do PA. Assim, o que vamos apresentar agora constitui nosso PA adensado com as reflexões que realizamos durante o TCC em forma de Memorial. De início nosso PA foi de práticas experimentais realizadas em espaços como ICH e Projetos de Extensão.

Trabalhamos em comunidades quilombolas e em Morretes. As práticas foram: num primeiro momento criávamos peças como colares de com material como fibras, sementes, tecidos, fios. Vivenciamos e descobrimos técnicas de como aprimorar o artesanato em função de fazer com que o artista resgate sua identidade histórica e cultural. Deste modo descobrimos novas tramas e nestas tramas novos gostos e novos sentidos estéticos. Nesse projeto consegui atribuir a contextualização, trabalhando com tradição da comunidade onde fazem objetos e dominam técnicas, e assim , mostrar um pouco da arte, na questão experimentar, criar e trabalhar a questão das cores do círculo cromático, os materiais como ,linhas,pedrarias sementes, fibras papel, cola e termolina. Esperamos com isto divulgar o artesanato como arte e técnica ainda desconhecida e reconhecida, mas com possibilidades infinitas.

Em 2009 vivenciamos o modulo saberes artísticos com a Prof.^a Juliana Azoubel que convidou a professora Lenir Maristela da Silva para dar uma aula sobre as plantas onde conquistou a turma com o seu jeito carismático, gostei muito dela, afinal todos os alunos gostaram. Como estava terminando o semestre convidamos a professora Lenir para participar da festa e do amigo secreto (Fig. 01), então na festa ela deu um colar de crochê a minha colega, meus olhos brilharam naquele momento e ali comecei a pensar no meu projeto de aprendizagem e como desenvolvê-lo. Em 2010 a professora Lenir e alguns estudantes propuseram o ICH de artesanato, o projeto iniciou a partir das confecções dos colares.



FIGURA 01 – Confraternização de final de semestre (2009-1) da Turma 2009 do Curso de Licenciatura em Artes da UFPR Litoral.

Com todos esses elementos cheguei a um objetivo para o meu Projeto de Aprendizagem, que aqui relato. Busquei fazer o artesanato a base de crochê, principalmente, enquanto elaborava teoricamente a partir das vivências de ICH e FTP e outras atividades. Ou seja, passei a desenvolver experimentações utilizando vários materiais e o crochê.

3 - A contribuição das Interações Culturais e Humanísticas (ICH)

Comecei a vivenciar o ICH Feito à mão (Fig.02) e descobrir técnicas de melhorar o acabamento dos meus primeiros colares. As interações agregaram um valor muito importante, me senti inserida nesse espaço, e essa integração me mostrou que poderia fazer os colares e cada dia me sentia mais capaz de valorizar minhas peças. As pessoas que ali participavam partiram de uma conversa e assim que decidíamos como iríamos fazer o objeto escolhido alguém se prontificava a pesquisar a história, a cultura envolvida na técnica, tendo em vista que o fazer é muito importante, mas esse processo se torna mais interessante quando pesquisamos a origem e a história desse saber na humanidade.



FIGURA 02 – Momento de atividade no ICH Feito à mão, em 2010, na UFPR Litoral.

O projeto de aprendizagem começou a dar corpo a partir dessas vivências que o ICH me proporcionou. Particpei durante cinco semestres dessa ICH (FIG.03). A partir de 2011 o ICH Feito à mão passou a acontecer na cidade de Morretes/PR em virtude do desastre natural que desterritorializou muitas famílias. Dessa forma essas atividades passaram a contribuir com a comunidade nas

perspectivas de ampliação das possibilidades de renda e trabalho. Mas além deste realizava outras em contra-turno.



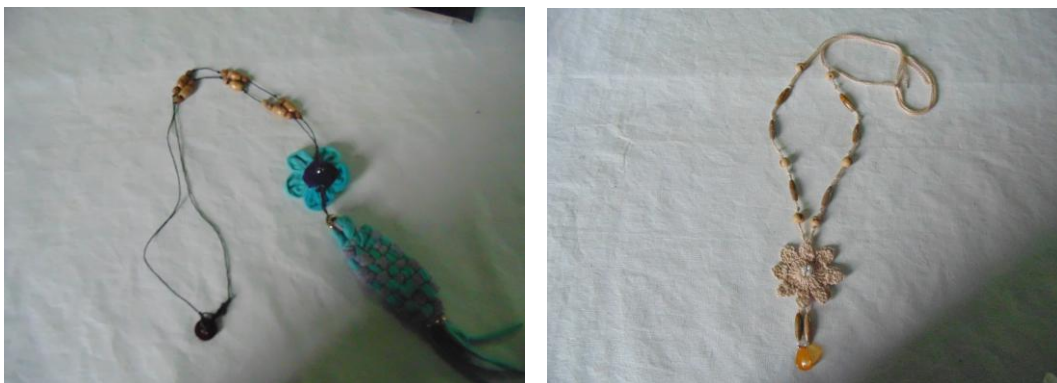


FIGURA 3 – Imagens das atividades e de objetos criados pela comunidade e pelos estudantes da ICH Feito à mão, de 2010 à 2013.

Já nos FTP e no projeto do Pibid (Projeto iniciação a docência) eu pude ampliar meu capital cultural e aperfeiçoar mais ainda meu PA. Segundo CULT (2013, pág. 1) Pierre Bordieu considera capital cultural o conjunto de qualificações intelectuais produzidas pelo sistema escolar ou transmitidas pela família. Esse capital pode existir sob três formas: em estado incorporado, como disposição duradoura do corpo (por exemplo, a facilidade de expressão em público, o domínio da linguagem); em estado objetivo, como bem cultural (a posse de quadros, livros, dicionários, instrumentos, máquinas); em estado institucionalizado, isto é, socialmente sancionado por instituições (como títulos escolares). *O capital cultural é um ter convertido em ser, uma propriedade que se tornou corpo, parte integrante da ‘pessoa’, um habitus.*”

SETTON, (pág. 69, 2002) ao se debruçar sobre o conceito que Bordieu dá a “habitus” conclui que é:

... compreendido como um sistema flexível de disposição, não apenas visto como a sedimentação de um passado incorporado em instituições sociais tradicionais, mas um sistema de esquemas em construção, em constante adaptação aos estímulos do mundo moderno; *habitus* como produto de relações dialéticas entre uma exterioridade e uma interioridade; *habitus* visto de uma perspectiva relacional e processual de análise, capaz de apreender a relação entre indivíduo e sociedade, ambos em processo de transformação.

4 - Participações em projetos: PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação em Docência)

No projeto do Pibid ofertei oficinas de artesanato (ANEXO 1) em escolas de João Surá e Porto Novo nas comunidades quilombolas¹ em Adrianópolis. O objetivo era levar o artesanato de acessórios, pois a comunidade também confecciona artesanato tradicional como cestarias de fibra da taboa e a culinária da Dona Joana. Procurei fazer uma experimentação com vários materiais e que todas pudessem experimentar e a partir disso sentir a vontade de criar. Também trabalhei sobre a combinação das cores, a partir da observação da natureza, pois somos feitos de energia criativa, e precisamos estar em um meio Ostrower (1995), o potencial criador não é outra coisa senão uma disponibilidade interior, a plena entrega de si e a presença total naquilo que se faz. A criatividade e sua realização correspondem a um caminho de desenvolvimento da personalidade. A pessoa poderá crescer ao longo da vida, crescer para níveis sempre mais elevados e complexos.

Miel (1972), acredita que a criatividade é qualidade que todo ser humano pode demonstrar em sua maneira de viver, e que é possível aumentar a criatividade na maioria dos indivíduos, aumentando assim a sociedade em geral, se for posto em prática, na educação o que sabemos a respeito de condições que incentivam a criatividade, sendo uma desta a arte.

Michalyszyn (2008, p.21), conceitua a diversidade como “palavra relacionada a qualidade daquilo que é diverso, diferente e variado, ou da variedade”. Para as ciências sociais “diversidade” encontra correspondência com as palavras alteridade, diferença e dessemelhança”. Entende-se contudo que ao falarmos em diversidade estamos nos reportando ao que é diferente que tem uma distinção, alguma característica que os torna diferente dos demais e estas diferenças podem se manifestar de variadas formas.

Foi na comunidade Quilombola que vi o valor de aceitar a diversidade de culturas. No Brasil, no artesanato, os conhecimentos indígenas se misturaram aos conhecimentos trazidos pelos portugueses, recebendo contribuições africanas e

¹ Comunidades remanescentes de quilombo são grupos sociais cuja identidade étnica os distingue do restante da sociedade.

de outros europeus e isso é um grande diferencial do nosso artesanato (KUBRUSLY e IMBROISI, 2011).

Dentro do projeto pibid, senti a necessidade de conhecer mais sobre a cultura quilombolas, as leituras dos quilombolas no Maranhão. A comunidade Conceição das Criolas me fez refletir o quanto foi e está sendo duro a conquista e resistência de terras e um valor de identidade para essas pessoas. Essa comunidade quilombola localiza-se no município de Salgueiro no sertão pernambucano. Segundo moradores mais antigos de Conceição das Criolas, no início do século XIX, seis negras livres, guiadas por Francisco José de Sá, escravo fugido, chegaram à localidade, fixando morada e vivendo em plena harmonia com os índios da etnia Atikum, nativos da região (COMUNIDADE QUILOMBOLA DE CONCEIÇÃO DAS CRIOLAS, 2008a). O artesanato de Conceição ganhou mais espaço com o projeto de valorização realizado em 2001, pela AQCC e com o apoio da prefeitura do Salgueiro, da Universidade Federal de Pernambuco e do Sebrae. (COMUNIDADE QUILOMBOLA DE CONCEIÇÃO DAS CRIOLAS, 2008b).

As mulheres dessa comunidade são remanescentes quilombolas, filhas de escravos que fugiram e montaram quilombos no interior das matas, no Maranhão. A luta é muito grande, mas isso é pouco para as mulheres dessa comunidade, onde trabalhavam com a colheita de algodão durante o dia e a noite fazem bonequinhas de pano de fibras de caroá e as bonecas contam as histórias de cada uma dessas mulheres. Com o tempo as tecnologias das máquinas agrícolas passaram a fazer o trabalho dessas mulheres na colheita de algodão, mas o artesanato se manteve, e hoje trabalham juntos homens e mulheres fazendo artesanato. Deu tão certo, que elas tem parceria com o SEBRAE e outras instituições e trabalhando com dignidade e competência já conseguiram um estudo diferenciado para seus filhos e netos.

A população quilombola supramencionada é habitante do Vale do Ribeira/PR, mais especificamente, nos municípios de João Surá e Porto Novo (Fig.04).

Andrade *et al.* (2000), menciona que a vida das comunidades quilombolas do vale pouco mudou até o início do século XX. A partir da década de 1950, foi criada uma série de Unidades de Conservação na região visando à preservação

dos remanescentes de Mata Atlântica existentes, no entanto, as políticas ambientais passaram a impor uma série de restrições ao modo de vida das comunidades, o que as alijou mais ainda dos processos de desenvolvimento.



FIGURA 04 – Comunidade de Porto Novo – Remascentes Quilombolas, 2012.

5 - A contribuição dos FTP (Fundamentos Teóricos Práticos) do Curso de Lic. em Artes

Ao vivenciar as práticas e teorias dos FTP, os ensinamentos e investigações me proporcionaram um leque de conhecimentos em arte, e como serei professora, precisava aprimorar alguns pontos sobre a questão, pois preciso trabalhar a contextualização e a cultura ao entender a arte através de clássicos legitimados que são referências muito importantes. Também o que me instiga é saber da arte popular do litoral, pois foi através do artesanato que busquei o aprimoramento em arte.

O conceito de arte segundo Sarlo (2004) é formulado pela perspectiva da sociologia cultural: arte é aquilo que um determinado grupo de pessoas concorda que ela seja. Nos dias de hoje se estabelece o que é arte mediante as funções ou crenças que ela desempenha. Arte é o que as convenções decidem que seja.

O autor Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895) mencionaram que o ser humano é determinado social e historicamente (SANTOS, 2008).

Isso quer dizer que não se pode pensar o homem fora de seu contexto histórico e social. O homem está limitado a esse contexto pelos problemas, interesses e dificuldades, evolução tecnológica, ou seja, determinado pelas condições sociais em que vive. O humano se desenvolve e evolui a partir das suas condições de vida, de trabalho, de produção material e imaterial. E é a partir dessas condições materiais que as transformações sociais acontecem.

Eu senti a necessidade de conhecer um pouco do Litoral e conhecer as pessoas que fazem o artesanato para construir a minha caminhada. Busquei conhecer alguns artesãos² e conheci uma professora que ensina trabalhos em cerâmica, e que também faz colares com cerâmicas, escamas, fibras de bananeira, numa técnica de macramê. Essa mistura de materiais me instigou a criação.

Arte e artesanato de acordo com Cardoso (2008) foram separados em dado momento da época da escravidão dando vazão ao preconceito que se instalou tanto para arte popular quanto para o artesanato:

...como a arte implica “colocar a mão na massa” e, portanto tem a mesma configuração do trabalho, é tarefa de escravos, logo o homem branco não coloca a mão nessas coisas. A arte passou a ser vista como tarefa de raças inferiores, dos ralés. O preconceito perdura até os dias de hoje. Talvez nele residam aspectos da separação entre arte e artesanato. Preconceitos contra a arte e o trabalho ganharam raízes nesse período de nossa história Cardoso (2008, p.26).

Desta forma o ato de produzir arte popular não era valorizado, mas sim a arte que caracterizava a influencia européia, o classicismo o barroco.

² Artesão é uma pessoa que produz artesanato. O artesanato remonta valores presentes na vida social tradicional, é uma forma silenciosa de transmissão de saber. Saber ser pessoa, saber viver na fronteira com outros modos de se (BÜHLER, 2000, pág 250).

E instalado o preconceito tanto o homem livre como o escravo, acabam por não exercitar a arte, conforme Ferreira (1976, p.24):

o homem livre, ignorante em matéria de arte, vendo-a exercida pelo escravo não a professa porque teme nivelar-se com ele; e o escravo, o mais ignorante ainda, tendo a arte o mesmo horror que vota a todo trabalho de que tira proveito para alheio usufruto, não procura engrandecer-se aperfeiçoando-a.

Desta forma a arte é deixada de lado em virtude do resultado do regime escravista.

Nesse projeto consegui atribuir à contextualização, trabalhando com a tradição da comunidade onde eles fazem objetos e dominam técnicas, e assim, mostrar um pouco da arte, na questão de experimentar, criar e trabalhar a combinação das cores a partir do uso do círculo cromático, os diferentes materiais como linhas, pedrarias, sementes, fibras e papel. Com isso pude ver o quanto posso criar, então procurei investigar alguns artistas e encontrei trabalhos lindos do Vik Muniz, artista plástico cujas obras questionam e tensionam os limites da representação. Utilizando matérias-primas como algodão, açúcar, chocolate, e até lixo, o artista pacientemente compõe imagens icônicas e lhes repropõe significações. O objeto final de sua produção mais conhecida atualmente é a fotografia, mas sua obra já transitou pelo tridimensional, pelo desenho e até pela escultura (GALERIA NARA ROESTER, 2013). Ou seja, ele mostra a arte, e essa mistura de materiais híbridos nos proporciona a imagem e nos dá um valor simbólico.

Por demanda da direção, em 2011 ofertei uma oficina no Colégio 29 de Abril em Guaratuba em dois dias objetivando confecção de colares e vários materiais para experimentar o fazer, além de, evidentemente, experimentar com eles estratégias de criação artística. Na sala havia 30 estudantes fiz um círculo propus alguns materiais como agulhas, tecidos, fios, cordões, moldes redondos de papelão e carretel de linhas de várias cores O trabalho com os alunos foi um pouco movimentado no início, consegui mediá-los com tranquilidade, alguns meninos começaram e depois não queriam mais fazer, não tinham paciência, e alguns ficaram envergonhados por achar que isso era coisa de mulher, mas outros alunos fizeram sem problemas. Esse preconceito de considerar que existem coisas que são para os homens fazerem e outras para as mulheres,

expressa a construção social de gênero no mundo, ou seja, não é relacionado ao desejo de cada pessoa, mas sim ao desejo dos valores de uma sociedade. Silva e Lacerda (2010, pág. 2) afirmam que “a construção do ser homem e ser mulher perpassa nos diferentes papéis que exercemos até hoje, a construção socialmente diferenciada para os sexos distingue estes papéis, porém vemos que o cenário está em crescente mudança”.

Em 2012, comecei a participar do ICH do Programa de extensão de Águas de Março em Morretes, no projeto de extensão “Feito a mão: identidade local e artesanato para as comunidades afetadas pela enchente de março de 2011 de Morretes/PR” cujo objetivo principal é “realizar ações integradas de ensino, pesquisa e extensão numa perspectiva de desenvolvimento local e empoderamento através da Interação Cultural e Humanística com as crianças e adolescentes das comunidades de Morretes atingidas pela enchente de março de 2011”.. No entanto, como entrei em 2012, nessa fase, tinham poucas pessoas da comunidade afetada, mas outros de outras comunidades carentes estavam integrando. Fomos levar o artesanato e conhecer o artesanato tradicional. Começamos a trabalhar na casa do artesanato (Espaço das Artes de Morretes) onde os artesãos se reuniam para trabalhar, vi muitos trabalhos tradicionais e alguns feitos como bolsas e chapéus de fibra de bananeira. Todas as quartas, por 4 horas, vão conhecer e vivenciar o projeto e também acontece um ICH. No primeiro momento algumas mulheres ficaram apreensivas, pois não sabiam o que realmente nós fomos buscar naquele lugar afinal estávamos no espaço dessas mulheres e percebeu-se que gerava até uma competitividade e também até pelo fato de nós apropriarmos dos seus conhecimentos gera um desconforto da parte delas. Manzini e Vezzoli (2002 p. 74) relatam: “quando propomos superar o paradigma do produto, ou seja, do projeto centralizado unicamente em bem físico, isto é, propomos uma mudança do conceito de projeto como extensão que vai do produto ao serviço e deste ao sistema de comunicação” . Nesta perspectiva, não é suficiente projetar considerando apenas os valores estético-formais, funcionais e de serventia de um produto.

É também necessário, projetar a forma das relações entre as diversas pessoas e, entre estas pessoas e os produtos. Em outros termos, “é necessário operar, no espaço e no tempo onde à interação venha acontecer, temos que

compreender a razão desta interação, para projetarmos o modo como isto deva acontecer e, o conteúdo físico e cultural de onde acontecer” (MANZINI e VEZZOLI, 2002).

A intenção não é descaracterizar o produto final, mas sim atribuir-lhe um significado que leve em conta a própria cultura e sejam exploradas técnicas de aprimoramento com o uso de materiais encontrados na região.

Para nós do grupo Feito à mão a ideia era conhecer os artesões e as mulheres e adolescentes que queriam participar desse trabalho que é fazermos artesanatos juntos. Trabalhamos o entalhe na madeira, onde o aluno também do Curso de Artes, Jessé ensinou técnicas para cortar a madeira, e assim as oficinas iam acontecendo, eles estavam tão empenhados com o fazer que alguns já estiveram recebendo algumas encomendas em entalhe.

Em 2013 Professores e alunos começamos a trabalhar no Casarão da Fundação Giovani Maluceli em Morretes com as mulheres, crianças e adolescentes da Comunidade em busca de fazer artesanatos valorizando a identidade local. Fui protagonista de uma oficina de produção de colares. Os materiais que levei possibilitou a experimentação e a criação de grandes feitos, buscando uma estética e harmonizando as cores. O trabalho coletivo me proporcionou saberes diferenciados, ideias e agregação de valores, a busca de uma construção. Na construção dos colares as mulheres tiveram uma dificuldade muito grande na combinação das cores, já no processo de fazer o colar , elas foram criativas, buscando outros meios e forma de construção destes. A arte está presente, pois os processos de inovação e criação acontecem, apesar de ser em grande parte utilitária. É por sua beleza estética que acaba sendo apreciada e comercializada.

Horkheimer e Adorno (2000) apontam que mesmo as obras que negam o caráter utilitário são mercadorias pelo simples fato de seguirem sua própria lei. O fato de uma obra de arte não ser útil, não a torna ruim. O problema maior é apropriação mercantilista da obra de arte.

Aquilo que se poderia chamar o valor de uso na recepção dos bens culturais é substituído pelo valor de troca, em lugar do prazer estético penetra a idéia de tomar parte e estar em dia, em lugar da compreensão, se ganha

prestígio. O consumidor torna-se um álibi da indústria de divertimento a cujas instituições ele não pode subtrair. (HORKHEIMER e ADORNO, 2000, p. 205).

No primeiro momento dessas oficinas, quando mostrei os materiais e propus uma das combinações de tecidos com fibras e cordões brilhosos, senti um desconforto da parte delas. Uma delas gritou; “nunca que vai combinar”, mas na hora eu consegui explicar que poderíamos tentar, naquele momento tive a ideia de trazer alguns brincos prontos com várias misturas de tecidos fibras e brilho para a próxima quarta.

Partindo da ideia que podemos experimentar, fiz os brincos, experimentando, e deu certo, levei na quarta e as mulheres ficaram surpresas com o resultado, os comentários mostrou um resultado satisfatório.

Silva (2013) cita a importância da experimentação na Arte e diz que o termo experimental serviu para dar nome a busca de liberdade em utilizar variados materiais de maneiras diversas como artifício artístico, a partir de novas mídias e novos projetos, como “caminho sensorial”, em que o corpo é entendido como força motriz. O resultado final, que seria a obra, foi considerado parte da experiência do espectador e do artista, enquanto maneiras de diálogo, desviando assim o caráter da arte como meramente visual – para o domínio da vivência.

A partir da experimentação é possível romper os limites oferecidos pela arte, utilizando diferentes recursos para explorar de diferentes formas a expressão artística.

Com o relato de uma artesã tradicional da região percebeu-se que as mulheres trabalham com matérias primas e o processo dos objetos é feito com uma vida diária árdua. Elas se remetem a buscar a matéria na natureza em que enfrentam riscos. Quando se trabalha com taboa tem que haver um processo de limpeza e secagem dessa fibra e só depois é que se começa a fazer a peça. No entanto, quando a peça é vendida o valor cobrado não inclui a mão de obra pela preparação da fibra, apenas pelo feito do objeto, o que as faz trabalhar por menos do que uma diarista ganha por hora. Por isso, a importância da universidade na extensão, em que pode empoderar essas pessoas, para que elas se valorizem e valorizem seus trabalhos árdios. Infelizmente o atravessador, vem a Morretes, na feira, compra e revende por mais de 200% de lucro sobre a peça, apenas que coloca a peça em lojas sofisticadas de decoração.

No que se refere ao contexto do artesanato como trabalho e renda as dificuldades se encontram na relação de valor dos trabalhos produzidos industrialmente com os trabalhos dos artesãos. Com a Revolução Industrial, surgiram muitas novas indústrias que aplicavam processos mecanizados a produção. Os objetos passaram a ser produzidos em larga escala, com novos materiais, utilizando novas técnicas, e a decoração e ornamentação dos objetos, que até então eram vistos como sinal de perícia virtuosismo dos artesãos, passaram a ser produzidos em série. O uso indiscriminado de ornamentos numa tentativa de acrescentar valor a produtos simples, acaba por criar um abismo entre estilo e função (HESKETT, 1998).

O trabalho feito manualmente, sem produção em massa às vezes até exclusivo, muitas vezes é desvalorizado, as pessoas acham caro não levando em consideração o tempo gasto na produção de uma peça, a dedicação e sensibilidade do artista. A paixão que este tem que é o que torna o produto diferente daquele oferecido pela indústria não é levada em conta. Portanto, é necessário compreensão e alteridade para valorizar o trabalho do artesão.

6 - Design, Arte e Artesanato

No artesanato é muito comum o feitiço, a cópia, ou seja, a reprodução idêntica ao produto observado, porém a solução para esta problemática é a oficina de design na qual a criação livre passa a ser valorizada, o qual resulta em trabalhos criativos e personalizados.

A valorização do artesanato também passa pela comercialização e pela apresentação adequadas. Ao longo da história do artesanato brasileiro sua riqueza mereceu atenção de artistas, estilistas, intelectuais, arquitetos em diferentes épocas. Ele nunca teve, porém, o reconhecimento que vem conquistando nos últimos 15 a 20 anos, inclusive no mercado internacional - e isso se deve, em grande parte, a parceria com o design e a orientação profissionalizante dos artesãos (KUBRUSLY e IMBROISI, 2011).

A valorização ao artesanato importado, faz com que o nosso artesanato seja desprezado, colocado em segundo plano. Infelizmente isso também vem

ocorrendo com muitas feiras de artesanato, que deveriam expor a comercialização peças feitas a mão, por artesãos locais, valorizando a cultura regional, mas não é o que se vê em geral.

Em Guaratuba, por exemplo, nas feiras de festas religiosas, são vistos objetos feitos pelo Kênia, réplicas chinesas, e muita coisa industrializada de qualidade e gosto duvidoso, não representando em si o local e desvalorizando ainda mais o artesanato de forma de desprezo.

Percebe-se que o artesanato local necessita de aprimoração, pois ele é feito com vistas à subsistência sem se dar valor a sua criação. Não se tem por objetivo a construção de valor de identidade cultural, que revele as especificidades locais.

Design e artesanato parecem pertencer a mundos distintos, tão radical é a percepção de suas diferenças. O design é conceitual, generalista, voltado para a inovação e a produção seriada e uniforme. O artesanato é manual, especializado, sobrevivente de outros tempos, voltado para a produção em pequena escala com suas variações e irregularidades. No entanto, embora os produtos industriais sejam dominantes, os objetos artesanais continuam minoritária, porém persistentemente presentes. E não se trata apenas de reminiscências tradicionais, mas de objetos artesanais novos e únicos, feitos em suas oficinas por artesãos contemporâneos, com formação universitária, eventualmente em design (PAIM, 2000).

Nesse intuito surge a necessidade de um aprimoramento, na busca de um entendimento do artesanato como uma expressão artística, numa perspectiva de resgatar a essência do seu criador o artista. Nessa busca revela-se a importância do design, para a finalização do produto artístico, para busca de uma estética.

Quanto ao fenômeno estético, segundo Ponzio (2008, p. 219), refere-se ao

modo de relacionar-se com o tempo, com a realidade, com o valor, que delinea categorias irredutíveis às do conhecimento. O conhecimento é um movimento do eu, um complexo de operações que tem como ponto de partida o sujeito e que se conclui com um retorno ao mesmo.

Nesse sentido, o design não tem o intuito de descaracterizar o produto, mas sim um padrão estético para sua finalização, ou seja, vem para aprimorar o artesanato. Não se dá mais importância ao objeto, mas sim a mensagem que este

transmite. Para tanto, no design as leituras do produto artesanal devem ser mescladas tanto nos aspectos estético, simbólico e artístico.

Durante o desenvolvimento do Projeto foi possível fazer experimentações em acessórios (Fig. 05) para que pudesse valorizar a identidade local das comunidades, surgindo assim a idéia de criar e entender que existe a possibilidade de novas tramas e estética.



FIGURA 05 – 1 - Braclete em crochê utilizando tela plástica e semente de Pau-brasil (2013). 2 - Colar em crochê, com contas, corrente e fio encerado (2012). 3 – Colar em crochê, com contas (2011). 4 - Colar em crochê, com contas (2010).

7 - Considerações Finais

Os projetos de intervenção sejam de universidades ou de outras instituições, tendem a melhorar a qualidade vida de comunidades que vivem de renda com trabalhos manuais, pois podem melhorar os produtos, resgatar tradição e valorizar a identidade, além de ajudar no plano de marketing, na elaboração de preços, dentre outros quesitos, inclusive, incentivar a economia solidária e o comércio justo.

Na busca por materiais alternativos, como tecidos, plásticos recicláveis, telas, linhas, fio encerado, filtro de café, sementes e experimentação em design com o projeto pode-se perceber que o lugar é rico em matérias primas, e nos convida a conhecer essa riqueza, nos proporcionando a criação de vários temas e objetos, revelando a cultura local existente, a memória do local e sua própria identidade.

A origem do projeto foi à necessidade de inclusão e a paixão pela criação. Para isso, foi importante estar junto com a comunidade buscando superar o senso comum, ampliando as formas de produção artística, envolvendo criação, identidade local, acabamento final, planejamento e avaliação do produto.

Alguns artesãos apresentam dificuldades em lidar com conhecimentos que são importantes para a realização do trabalho, por exemplo, combinação de cores, a agregação de outros materiais como fibras, texturas, tecidos, dentre outros. Em contrapartida, existem os que têm o conhecimento de técnicas tradicionais, porém, não as utilizam, pois muitas vezes eles próprios desvalorizam as criações das suas culturas por uma imposição colonizadora. Infelizmente, a imposição colonizadora e capitalista implantou a visão mercantilista com a finalidade de ampliar a venda de produtos industrializados, menosprezando os produtos artesanais, a pequena agricultura e tantas outras atividades de subsistência.

Uma questão bem importante que se percebe é o grande conhecimento que alguns artesãos têm e, nesse sentido, é preciso concordar com as afirmações sobre a importância da valorização dos conhecimentos tradicionais e não apenas dos conhecimentos científicos.

Para mim, particularmente, o meu projeto de aprendizagem possibilitou o entendimento através das vivências no curso de Licenciatura em Artes, da existência de uma grande diversidade cultural, onde cada ser tem uma expressão única, não se apegando dessa forma a modelos únicos e legitimados, pois dentro de um processo de criação artística não se pode afirmar a existência de apenas uma arte, a arte foi feita para ser apreciada e sentida.

Na atualidade existe uma busca incessante por novas criações e materiais alternativos que vem gradativamente revelando novas formas de expressão da

arte, através de novos estilos que vão de encontro as possibilidades inovadoras que cada um encontra para expressar o seu fazer artístico.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, T.; PEREIRA, C. A. C.; ANDRADE, R. O. (Orgs.). **Negros do Ribeira: reconhecimento étnico e conquista do território**. 2. ed. São Paulo: ITESP: Páginas e Letras – Editora Gráfica, 2000.

BÜHLER, M. S. Resenha Crítica: Felício Pereira, Vera Lúcia. O artesão da memória no Vale do Jequitinhonha, UFMG/PUC-Minas, 1996, 206 p. **REVISTA DE ANTROPOLOGIA**, SÃO PAULO, USP, 2000, V. 43 nº 2.

CARDOSO, Lindabel Delgado (org). **Artes e línguas na escola pública: uma possibilidade em movimento**. Alínea. Campinas, 2008.

COMUNIDADE QUILOMBOLA DE CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS. A comunidade de conceição das crioulas, 2008a. Disponível em <http://conceicaodascrioulas.org/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=72&Itemid=60> Acesso em 28/06/2013.

COMUNIDADE QUILOMBOLA DE CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS. **Geração de trabalho e renda**, 2008b. Disponível em http://conceicaodascrioulas.org/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=43&Itemid=69 Acesso em 28/06/2013.

CULT, **O ABC de Bourdieu**. Disponível em <<http://revistacult.uol.com.br/home/2013/01/abc-de-bourdieu/>> Acesso em 06/06/2013.

CUNHA, Luiz Antonio. **O ensino de ofícios artesanais e manufatureiros no Brasil escravocrata**. São Paulo: UNESP, 2000.

FERREIRA. **Do Ensino Profissional - Liceu de Artes e Ofícios**. Rio de Janeiro: Imprensa Industrial, 1876.

GALERIA NARA ROESTER. **Vik Muniz**. Disponível em <<http://www.nararoesler.com.br/artistas/vik-muniz>> Acesso em 06/06/2013.

HESKETT, J. **Desenho Industrial**. Tradução: Fábio Fernandes. 2ª Ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1998.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. **A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas**. In: ADORNO, Theodor W. (et al). Teoria da cultura de massa. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

KUBRUSLY, M. E.; IMBROISI, R. **Desenho de fibra: artesanato têxtil no Brasil**. Rio de Janeiro: SENAC Nacional, 2011. 208p.

Manzini, E. / Vezzoli, C.. **O desenvolvimento de Produtos Sustentáveis. Os Requisitos Ambientais dos Produtos Industriais**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

MICHALISZYN, Mario Sérgio. **Educação e Diversidade**. Curitiba: Ibpex, 2008.

MIEL, Alice. **Criatividade no Ensino**. São Paulo: Ibrasa, 1972.,

OSTROWER, Fayga. **Acasos a criação Artística**. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Campus, 1995.

PAIM, Gilberto. **A Beleza sob Suspeita**. Editora Jorge Zahar, Ano 2000.

PONZIO, Augusto. **Alteridade e gênese da obra**. In: A revolução bakhtiniana. São Paulo: Contexto, 2008.

SANTOS, Eloi Correia dos, CARDOSO Osvaldo. **Mito e Filosofia**. Curitiba, SEED/PR, 2008.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna**. UFRJ, 2004.

SETTON, M G. J. **A teoria do habitus em Pierre Bourdieu**: uma leitura contemporânea. Revista Brasileira de Educação. Nº 20. Maio/Jun/Jul/Ago 2002. Disponível em <http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/rbde20/rbde20_06_maria_da_graca_jacinto_setton.pdf> Acesso em 26/08/2013.

SILVA Etienne Amorim A. da, LACERDA Alexsandra Maria Alves de. **O homem no bordado**: uma troca de papéis?, 2010. Disponível em <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278350383_ARQUIVO_ARTIGOHOOMEMNOBORDADOFinal.pdf> Acesso em 28/06/2013.

SILVA, Anna Corina Gonçalves da. **Experimentar a Arte, Experimentar a Si**. Disponível em <<http://www.encontro2010.rj.anpuh.org>> Acesso em 29/06/2013.

SIQUEIRA, Carlos Aquiles. **Curso On-line de Artesanato**. DP&a, Rio de Janeiro, 2004.

ANEXO I – Projeto Oficina de Artesanato

OBJETIVO GERAL:

Oferecer embasamento prático e teórico aos professores da rede estadual do município de Adrianópolis e comunidade, fundamentos básicos sobre artesanato e teoria da cor por Itten e Kandinsky. Através de manipulação com fuxico e colares introduzir a leitura das obras destes artistas no artesanato e propor a pesquisa por cultura trazida pelos africanos no Brasil (como o trabalho com fibras e com sementes).

Objetivo específico:

Discutir o que é artesanato,

Contextualizar arte e artesanato,

Valorizar o artesanato, como fonte de renda.

Descrição das Atividades Previstas:

-Introdução ao Artesanato

-Como Fazer para Valorizar o Artesanato?

-Acabamento.

- Variedade de textura

-fibra

-sintético

-semente

- Combinação de cores

Teoria de Johannes Itten

-exercício de contraste

-circulo cromático

-combinações Harmônicas

FUXICO

-flores

-Confecção das quatro estações em fuxico (segundo Itten)

-Colares em fuxico

COLARES EM CROCHÊ

- Combinação de materiais

Bibliografia:

A cor no processo criativo – Barros, Lílian Ried Miller.

Os problemas da estética _ Pareyson, Luidy